

E Agora, para Onde Vamos?

P. MAGALHÃES RAMALHO

Hospital de Santa Maria. Serviço de Pediatria. Unidade de Gastroenterologia e Nutrição

O recente reconhecimento de diversas sub-especialidades pediátricas pela Ordem dos Médicos é obviamente, um sinal claro de que se encerrou mais uma fase da evolução da Pediatria no nosso país.

Com efeito, quando analisamos os últimos 150 anos (e sem pretender entrar numa discussão histórica que nos faria bem apesar de tudo...), creio que se podem considerar alguns *períodos-chave* fundamentais para a estruturação desta área da ciência médica tal como hoje a conhecemos.

O primeiro, pode em boa verdade ser chamado de *fundação* e pouco importa que para trás tenham existido acções dispersas em favor da saúde da criança. Nenhuma delas de facto, acabaria por definir claramente uma atitude individualizada perante os seus problemas.

É um período onde avultam necessariamente duas grandes referências: a criação do primeiro hospital pediátrico em meados do sec. XIX, e a figura de Jaime Salazar de Sousa, professor da primeira cátedra de Pediatria na Universidade portuguesa (1916).

Não podendo ser considerada ainda como uma especialidade (nem elas existiam nessa altura), foi o primeiro passo num caminho de diferenciação que haveria de desembocar, cerca de cem anos mais tarde no reconhecimento das características próprias da medicina dos primeiros anos de vida e na necessidade de regulamentação específica para o exercício da sua prática.

Com a "criação" da especialidade de Pediatria começou de facto, o segundo período ou *de consolidação*, em que a acção de algumas personalidades de grande estatura foi fundamental para a reformulação do conhecimento científico e da metodologia clínica de sucessivas gerações de médicos.

Castro Freire, Carlos Salazar de Sousa, Codeiro Ferreira, foram apenas alguns dos que para isso mais contribuíram neste período, mas seria injusto e pouco realista esquecer todo

um conjunto de profissionais que, como eles, se dedicaram de corpo e alma aos problemas da criança e da sua patologia.

Apesar disso, nos anos 70 a Pediatria continuava apenas a existir verdadeiramente nos hospitais centrais os quais não podiam deixar de ser o reflexo de uma sociedade que apresentava inequívocos sinais de desgaste e não podia corresponder já aos desafios de uma modernidade adiada.

Com o 25 de Abril, o turbilhão da mudança invadiu Portugal inteiro, abrindo as portas à contestação e à vontade de experimentar soluções mais adequadas a uma realidade que tão desfazada se mostrava das necessidades do país.

É nos anos que se seguiram que eu colocaria o início de uma nova fase, a *de diferenciação* ou *sub-especialização* formalmente iniciada com o movimento dito "da departamentação" o qual se desenvolveu no Serviço de Pediatria do Hospital de Santa Maria.

O que pretendiam os seus mentores (entre os quais, com orgulho, não posso deixar de me incluir)?

Considerando que a Pediatria era, para todos os efeitos, uma medicina interna de um grupo etário específico, parecia-nos a todos que seria necessário promover uma diferenciação por áreas de patologia, mantendo embora uma visão abrangente da criança doente de forma a não cair nos erros de uma especialização fragmentadora, fenómeno já então muito evidente entre nós.

Curiosamente, nessa altura, um tal modelo não era visto ainda com bons olhos em muitos países da Europa e dos Estados Unidos pelo que devemos à *revolução de Abril* o facto de termos estado entre as primeiras instituições hospitalares que o experimentaram!

Em Portugal, como seria de esperar, muitas vezes nos atribuíram objectivos inconfessáveis e as mais desbragadas intenções. Com maior ou menor dificuldade as nossas Unidades foram-se consolidando, desenvolvendo metodologias específicas e técnicas aprendidas um pouco por todo o

mundo onde se sabia que eram executadas com qualidade.

A pouco e pouco as vozes dos detractores tornaram-se mais fracas e comedidas e os pedidos de estágio começaram a chegar.

As relações de amizade conseguiram sossegar desconfianças e anular maldizeres e o modelo acabaria por ser aceite em múltiplos hospitais que o desenvolveram de acordo com as suas experiências e necessidades.

Nesta ordem de ideias, poder-se-ia pensar que o reconhecimento das Sub-Especialidades seria afinal, o fecho da abóbada do edifício então começado.

Penso no entanto, que não é esse o seu verdadeiro significado já que acabou por vir com cerca de 15 anos de atraso. Tolos seríamos se não percebessemos que o tempo não parou pelo facto de um nosso desejo antigo ter sido realizado.

Quanto a mim, esta consagração foi apenas o ponto final de um caminho que na sua fase final teve de ser percorrido à força, e, só quando por toda a Europa muitos o trilhavam já. Aquilo que deveria ter sido um sinal de vitalidade e pioneirismo acabou por ser a *cerimónia* do encerramento formal deste terceiro período da Pediatria portuguesa.

II

E agora, para onde vamos?

Confesso que no momento actual tenho alguma dificuldade em perscrutar o futuro ou imaginar cenários de evolução.

Habitado que fui a discutir soluções baseadas na procura do bem do doente, da criança e da comunidade, não consigo entusiasmar-me com uma praxis onde a cada passo se adivinham interesses pessoais ou preocupações de grupos financeiros.

Estranho que as mesmas palavras e os mesmos argumentos tenham ecos diferentes e que aos meus apelos de agora respondam apenas silêncios administrativos desprovidos de qualquer compreensão pelas carências mais elementares.

Quando procuro finalmente, os companheiros de percurso com quem combati as batalhas da modernidade, encontro lugares desocupados, armas abandonadas e o murmúrio cinzento das contagens do tempo de serviço.

Não estou desanimado. Acredito apenas que a nossa responsabilidade é maior na busca de soluções e na denúncia dos erros.

É tempo de dizer aquilo que julgamos estar certo antes que nos imponham o que sabemos ser errado.

Ao comemorarmos os 50 anos do Serviço de Pediatria do Hospital de Santa Maria não nos limitemos a recordar nostalgicamente o passado mas empenhemo-nos seriamente em construir o futuro.

Paulo de Magalhães Ramalho